



Crenaques e guaranis, rivais de outrora, ainda com ressentimentos, foram reunidos à força pela mão do branco: hoje, sofrendo fome e nostalgia, guardam só a alegria da esperança

# Guaranis e crenaques vivem exilados à espera da Funai

Gutemberg da Mota e Silva

Fazenda Guarani — Trazidos para esta árida fazenda praticamente contra a vontade — o velho Joaquim Grande, crenaque 73 anos, chegou algemado — os índios guaranis e crenaques, agora brigando entre si e passando fome, já não suportam mais viver nesta antiga penitenciária indígena, onde não encontram nada do que era farto em suas terras, e, muito inquietos, esperam que a Funai cumpra o mais cedo possível a promessa de levá-los embora.

Os guaranis, cuja enorme nostalgia do mar, onde nasceram seus ancestrais, é evidenciada a cada momento, serão transferidos para Aracruz, no litoral do Espírito Santo, aldeia de remanescentes dos índios tupiniquins, mas ainda não foi decidido se os crenaques, retirados quase à força de suas terras às margens do rio Doce, em Resplendor e Conselheiro Pena (MG), voltarão a viver em sua reserva.

## Inquietação

Enquanto o presidente da Funai, General Ismar de Araújo, não autoriza a mudança tão ansiada — o desejo de voltar se manifestou nos guaranis logo após a chegada — 43 guaranis e 46 crenaques vivem um clima de inquietação, gerado pela fome (há três meses não recebem alimento) pela incompatibilidade entre as duas tribos, pela revolta com os responsáveis por sua transferência e também pela incerteza da data do regresso.

O angustiante clima da Fazenda Guarani, onde os índios já não transitam com tranquilidade devido às desavenças, foi observado pelo presidente da Funai, General Ismar de Araújo, que este ano esteve aqui duas vezes e sentiu de perto que a permanência dos dois grupos nesta região contrasta radicalmente com a política indigenista do

Governo, segundo a qual o índio não deve ter o seu idealismo contrariado.

## Corrupção

Prétende essa política que o índio brasileiro seja mantido onde ele se sente bem, fator que parece não ter sido levado muito em conta, em primeiro lugar, pelo Capitão da Polícia Militar de Minas, Manuel dos Santos Pinheiro, que em fins de 1971, na qualidade de chefe da Ajudância Minas—Bahia da Funai, trouxe para a Fazenda Guarani os crenaques e, em segundo, por seu sucessor, o índio juruna João Geraldo Itatuitim Ruas, responsável no ano seguinte pela vinda, de Guarapari, dos índios guaranis.

O Capitão Pinheiro é acusado pelos crenaques de ter ganhado muito dinheiro para promover a troca de suas terras no extinto Posto Indígena Crenaque, às margens do rio Doce, pelas da Fazenda Guarani, no Município de Carmésia, a 210 quilômetros de Belo Horizonte e antes pertencente à Polícia Militar de Minas, que antes a utilizou para outros fins, entre eles treinamento de ação antiguerilha.

A fazenda tem 1 mil 200 alqueires, aproximadamente a mesma área do antigo posto Crenaque, mas a infertilidade de suas terras, a topografia acidentada — que praticamente impede a atividade agrícola — e a ausência de cursos d'água para a prática da pesca, todos esses inconvenientes fazem com que apenas 40 alqueires no rio Doce valham toda a sua área.

Embora acudados pelos brancos, que, para não fugir à regra de outras regiões de Minas e do país, avançam cada vez mais nas áreas indígenas, os crenaques desejavam permanecer no rio Doce, tendo em vista sua melhores condições de sobrevivência. Lá, além de cultivarem vários produtos e de pescarem, os

crenaques encontravam farta matéria-prima para seu artesanato, e que é escassa na fazenda.

## Exploração

Mas o Capitão Pinheiro, voltado para outros interesses, não tomou conhecimento disso, dizem os crenaques, e os ameaçou até com prisão caso não concordassem com a transferência. Como Joaquim Grande, líder da tribo, hoje demenciado (o processo de debilidade mental começou depois da mudança forçada), não concordasse com a medida, o que dificultava sua execução em face de sua força no posto, o Capitão Pinheiro levou-o algemado para a Fazenda Guarani.

Itatuitim, seu sucessor na Ajudância, depois transformada na 11a. Delegacia da Funai, discordou da iniciativa do Capitão Pinheiro, mas fez a mesma coisa com os guaranis ao encontrá-los em Guarapari, no litoral do Espírito Santo, "explorados como atração turística pelas autoridades locais e vivendo a beber, a vagabundear, a esquecer suas tradições, seus costumes, seus rituais", conforme explicou.

## Peregrinação

Os guaranis que estão aqui pertencem a uma mesma família que, há 27 anos, sob o comando do Capitão Miguel Veninte, deixou suas terras no Rio Grande do Sul, onde vinham sofrendo constantes invasões, para iniciar uma longa e ainda inconclusa caminhada em busca da Terra do Sem Males, espécie de Terra Prometida à beira-mar cu não longe dele em que pudessem finalmente trabalhar e viver em paz.

O grupo era maior e foi se dispersando pelo caminho, no Paraná e em São Paulo. A maior parte, porém, continuou a marchar até o Espírito Santo, apenas mais uma

etapa de sua peregrinação que só deverá acabar, segundo a visão nítida absorvida de um missionário jesuíta com quem conviveram, quando for encontrada a paradisíaca Terra do Sem Males.

No Espírito Santo, desenvolveu-se mais ainda o processo de aculturação dos guaranis. Eles aprenderam o Português e se tornaram protestantes, descobrindo na leitura do Evangelho, conforme as palavras do Capitão João, filho de Veninte, que a verdadeira Terra Prometida era "estar com Deus e em Deus."

Essa nova concepção os fez talvez abandonar o litoral, percorrido desde o Rio Grande do Sul, para buscar a paz no interior de Minas, numa região cercada de montanhas, bonita mas fecunda, triste, enfim, para quem viveu contemplando o mar, dele recebendo não só o alimento que agora dramaticamente lhes falta como também a magia marinha que lhes abrandava o espírito inseparado de suas verdadeiras raízes.

## Inadaptação

Poucos meses depois da alegre chegada à fazenda — na época em que eles acordavam cantando — os guaranis já demonstravam sua completa inadaptação ao novo habitat e o próprio Itatuitim falava da necessidade de promover o seu regresso, declarando que a Fazenda Guarani não se prestava para reserva indígena, podia, no máximo, ser utilizada para fins como o treinamento de líderes comunitários tribais.

Itatuitim foi afastado da Delegacia da Funai, ocupada atualmente pelo Coronel Clodomiro Broisi, e hoje os guaranis guardam a grande mágoa de se terem deixado seduzir por suas palavras, as de que, na fazenda, teriam tudo o que precisavam. O então delegado da Funai recomendou-lhes que deixas-

sem seus pertences em Guarapari pois na fazenda teriam tudo. Aurora, filha de Veninte, queixa-se de que não havia em sua casa, na fazenda, sequer uma prateleira para colocar os poucos objetos que teimosamente trouxe.

Nos primeiros anos, a assistência da Funai era melhor. Agora os índios das duas tribos afirmam — sem que o atendente de saúde da fazenda, José da Costa Lage, conteste — que há cerca de três meses não recebem qualquer alimentação, drama que se agrava porque as crianças — e são muitas — não estão acostumadas a passar fome com os adultos.

Os crenaques se alimentam parcamente da incipiente agricultura que desenvolvem na fazenda e os guaranis dos mínguidos salários recebidos por 14 deles da Floresta Rio Doce, uma subsidiária da Cia. Vale do Rio Doce que os empregou em projetos de reflorestamento para minimizar o problema social dos índios. Alimentam-se ainda, diz um morador de Carmésia, de reses vez por outra furtadas a fazendeiros da região.

Com pouca matéria-prima para a fabricação de peças de artesanato e praticamente sem ter onde vendê-las, guaranis e crenaques, além das dificuldades financeiras daí decorrentes, vão perdendo cada vez mais as características primitivas de suas tribos, ao mesmo tempo em que adquirem os vícios dos brancos com quem convivem.

## Desintegração

A essa desintegração tribal assiste-a com desolação a figura máxima dessa família guarani, a velha octogenária Tatatim, viúva do Capitão Miguel Veninte. Sua palavra é sagrada e vale mais do que a dos seus filhos João, o Capitão, Paulo, o cacique, e Aurora, a quem, se tem também muito respeito, na fazenda, por repetir os conceitos e

a filosofia de vida do ídolo morto, para quem era melhor fugir do que guerrear.

Aurora, que teve um "sinal" de que algo de ruim aconteceria à tribo caso ela tomasse outro caminho senão o do Norte, sempre pelo litoral, diz que a miséria não causa mortes no seu povo porque ele ora e tem fé, afastando de si todos os males. E assegura ter sido essa mesma fé que levantou da cama, quando se pensava em morte, a velha Tatantim, já plenamente restabelecida de grave doença.

O "sinal" recebido por ela no Espírito Santo, pouco antes da vinda para Minas, se confirmou 16 dias depois, após a chegada: seu filho Sérgio da Silva, de 21 anos, morreu picado por uma cobra (a pessoa que lhe aparecera em sonho a advertira de que um guarani morreria vítima de cobra ou onça). A morte de Sérgio, enterrado na própria fazenda, significou para os guaranis que eles tinham vindo ao lugar errado.

Nos últimos meses, crenaques e guaranis recebem da Funai, com regularidade, apenas os medicamentos. Uma equipe volante de saúde visita a fazenda de três em três meses, com um médico, um dentista, um enfermeiro, que dispõe de um laboratório para os exames. Estoques de remédios ficam com o atendente para as necessidades mais urgentes.

Monótonos, como esse corrente estreito daqui que só tem platô e no qual, em momentos de desespero, os crenaques têm visões do píscoso rio Doce, monótonos correm os dias nesta fazenda cujas casas dispostas uma em frente à outra formam uma verdadeira rua, onde, atrás de poucas janelas abertas sobrevivem esses seres sem destino certo, alimentados apenas pela esperança de voltar, pelo ódio aos confinadores e a todos os que não pertencem à própria raça e, sobretudo, pelo amor à inesquecível terra natal.